



Descobrimos Sambaquis: formação continuada em Educação Patrimonial para valorização da pré-história colonial capixaba

Pedro Carlos de Oliveira Alves¹

Introdução

Os sambaquis são sítios arqueológicos construídos com material conchífero, de complexa estratigrafia, formada por contínuas deposições de conchas e material faunístico como restos de peixes, moluscos, aves e mamíferos, atestando uma gama de atividades sociais diversificadas. O termo sambaqui deve ser utilizado para caracterizar sítios arqueológicos localizados às margens de cursos d'água, tais como grandes rios, lagunas e manguezais, constituindo-se plataformas secas que se destacavam em meio a uma paisagem, constituindo-se, cultura material.

Os sítios arqueológicos em todo o território brasileiro “são de propriedade da União, patrimônio de todos os brasileiros, razão pela qual não são permitidas intervenções físicas, exceto com autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN” (CAMPOS, 2016, p. 11). Contudo, mesmo existindo uma legislação, não foram poucos os sambaquis que sofreram ações predatórias. As autoridades municipais e estaduais pouco têm feito para a preservação dos sambaquis.

Tendo ciência da importância dos sambaquis como elemento integrante do patrimônio cultural capixaba, visto que na região sul do estado, principalmente no município de Presidente Kennedy, onde abundam tais monumentos, e também do Brasil, de que maneira poderemos desenvolver uma prática de Educação Patrimonial, embasada em uma perspectiva dialógica de ensino a partir da compreensão da realidade em seu caráter complexo, considerando o processo de mediação para a construção do conhecimento e,

¹ Professor efetivo do magistério estadual, mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo e mestrando em História Social das Relações Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, orientado pela Prof. Dra. Karulliny Siqueira.





assim, problematizar a presença dos sambaquis junto aos professores de escolas no entorno de tais sítios arqueológicos, para que esse conhecimento lhes tenha relevância para valorização e preservação do patrimônio cultural local?

Educação Patrimonial como instrumento pedagógico

Ao abordarmos sobre Educação Patrimonial devemos ter a ciência de que se trata de um termo inseparável de outra noção mais abrangente: Patrimônio Cultural. Cabe, porém, apresentarmos alguns conceitos no campo da Educação Patrimonial, com vistas a compreender, em linhas gerais, o que seria esse patrimônio cultural e seu sentido para a sociedade.

Segundo Santos (2007), em suas ações realizadas em sala de aula para a promoção de estratégias de trabalho com Educação Patrimonial, a maior dificuldade dos alunos consiste em compreender, de fato, a noção de patrimônio cultural, os quais sempre o associavam a algo velho, antigo, com necessidade de preservação. Diz-nos o autor que “a noção de patrimônio cultural ainda é desconhecida por uma grande maioria da população [...]” (SANTOS, 2007, p. 148).

O conceito de patrimônio cultural é bastante amplo, indo desde as formas de expressão como danças regionais – bens de natureza imaterial, até chegar àqueles comumente associados à natureza material devido ao seu valor histórico, como sítios históricos, mas também conjuntos urbanos, mas também áreas de valor ecológico e científico. Patrimônio seria tudo que faz menção e referência à identidade e à memória dos diferentes grupos que formaram a sociedade brasileira. Apesar disso, Santos (2007) encontrou muita dificuldade em levar seus alunos a compreenderem a cidade de Brasília como patrimônio nacional.

Por um longo período de tempo, as leis no Brasil que versavam sobre o patrimônio serviam para legitimar os monumentos que eram ligados à elite econômica do país, refletindo o passado como estático. A partir da década de 80, as definições sobre patrimônio cultural ampliaram-se, assumindo um sentido mais abrangente, diverso e plural (APOLINÁRIO, 2012).





Sendo amplo o conceito de cultura, a noção de patrimônio cultural também não pode se restringir somente aos objetos históricos ou artísticos, tampouco à cultura material ou imaterial, ou seja, tudo aquilo que já é consagrado ou está sob proteção governamental. O patrimônio cultural também é um patrimônio vivo, composto de tudo aquilo que está presente nas comunidades e que revelam suas especificidades, como as festividades religiosas, danças, culinária, moradia, música, entre outros (HORTA, GRUMBERG e MONTEIRO, 1996), e como afirma Martins (2010, p.67) “reflete a pluralidade e a diversidade das culturas formadoras da sociedade brasileira e representa marcos da trajetória empreendida pelas populações que por aqui se instalaram e transitaram”.

Por ter como objeto de sua prática pedagógica o patrimônio cultural, a Educação Patrimonial configura-se como uma ação educativa que não pode ser dissociada de seu caráter interdisciplinar, pois o patrimônio cultural é plural. Trata-se de um processo contínuo e sistemático, o qual, partindo do contato direto com as manifestações culturais em todas as suas facetas, sentidos e significados, “busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural” (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1996, p. 6).

Esse processo gera a produção de novos conhecimentos em relação ao patrimônio cultural, tendo também como produto um conhecimento crítico sobre a realidade na qual está inserido o indivíduo. Esse conhecimento crítico e apropriação consciente não apenas fortalece a sua identidade para com a sua comunidade ou região, como também sua cidadania, e favorecendo a preservação desses bens.

Para Florêncio (2012), uma vez que tanto a memória quanto o esquecimento são produtos sociais, a Educação Patrimonial também revela sua dimensão política. Isso se traduz em uma problemática, pois, nem sempre, o patrimônio cultural nacional que é reconhecido oficialmente pelos órgãos governamentais faz sentido para todas as comunidades de igual modo, ocasionando problemas de identificação. A valorização e a preservação do patrimônio cultural, reconhecido ou não, tem na Educação Patrimonial seu principal meio de ação. A Educação Patrimonial vai além da simples difusão ou promoção do patrimônio





cultural, trata-se, segundo Florêncio (2012, p.24), “essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural”. A valorização da diversidade cultural para o fortalecimento de identidades é também um produto direto da ação educativa da Educação Patrimonial.

E, por fim, em face das múltiplas formas de abordagens da Educação Patrimonial, Florêncio (2012) diz que para a ação educativa de valorização e a preservação do patrimônio atinjam seus objetivos, configuram-se como caminhos necessários: primeiro, a Educação Patrimonial não deve se utilizar de práticas que enalteçam os objetos, contudo, sem subordiná-los à ressignificação dos bens culturais. Por ser a preservação dos bens culturais uma prática social, a ação pedagógica da Educação Patrimonial deve associar os valores históricos do bem cultural à sua comunidade, considerando o contexto social presente.

Procedimentos Metodológicos

Nossa investigação assenta suas bases em uma pesquisa qualitativa em educação, configurando-se como uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica. Trata-se de investigações que surgem a partir do planejamento de uma ação que visa a interferir em determinado meio, a fim de provocar melhorias e avanços nos processos de ensino e aprendizagem dos sujeitos participantes da pesquisa (DAMIANI et al, 2013, p. 58).

A pesquisa de natureza qualitativa compreende que o fenômeno educacional a ser pesquisado está inserido em um contexto social e este, por sua vez, é inseparável da realidade histórica que o permeia. A conduta humana não pode ser compreendida isolada de seu contexto. O processo é de suma importância. Buscamos considerar o objeto da pesquisa e seus sujeitos em todas as suas facetas e relações, tal qual defende o paradigma da complexidade.

Os dados que utilizamos em nossa análise foram produzidos em dois momentos da intervenção pedagógica: o projeto de extensão e a entrevista semiestruturada. Nesse primeiro grupo de dados buscamos verificar se houve avanços na alfabetização científica





dos sujeitos da pesquisa, com relação ao conhecimento sobre sambaquis e patrimônio cultural.

O segundo grupo de dados foi produzido por meio de uma entrevista semiestruturada. Não foi nossa intenção criar um roteiro totalmente aberto e livre, o que pode desviar por completo nosso objetivo. Escolhemos a entrevista semiestruturada, pois, apesar da existência de um roteiro básico a ser seguido, não há uma aplicação rígida do mesmo, havendo espaços para modificações que respeitem as especificidades de cada entrevistado.

A pesquisa teve como sujeitos 31 professores do turno matutino da EMEIEF Bery Barreto de Araújo, tendo a intervenção pedagógica acontecido entre os dias 19 e 21 de julho de 2017.

Resultados da Formação Continuada “Descobrimo Sambaquis”

O projeto constituiu-se de um curso sobre introdução à história pré-colonial brasileira, com foco nos sambaquis, desenvolvido e aplicado em momentos específicos durante os três dias mencionados.

No decorrer da formação, após os trâmites burocráticos e apresentações, o ânimo dos professores mudou completamente e a partir do momento em que eles foram se reconhecendo naqueles temas, principalmente sobre a geografia do município, muitas intervenções foram feitas. Cada vez que o assunto ia se aproximando dos sambaquis, os professores iam se mostrando mais curiosos a respeito. Nenhum deles demonstrou conhecer o termo sambaqui e estavam bastante ansiosos para saberem o que seria. Ao tomarem conhecimento por meio das imagens projetadas do que era um sambaqui, muitos demonstraram um pouco de decepção, inclusive tendo murmurado um professor “isso é um sambaqui?”, pois o sambaqui é um sítio arqueológico diferente do que circula na cultura pop e habita o imaginário popular.

Após tomarem conhecimento sobre os sambaquis e sua história, características e importância, muitas intervenções foram surgindo por parte dos professores. Um professor





relatou “que até hoje são retiradas conchas desses locais para fazerem estradas”. Outra professora informou que adjacente ao rio Itabapoana, próximo onde ela mora, já encontrou certa vez alguns esqueletos. Prosseguindo com as intervenções de maiores destaques, uma professora reclamou que a história local é apenas oral, não tendo nada escrito, e creditou a isso o desconhecimento sobre os sambaquis. Vários professores questionaram sobre os motivos que levam o poder público a não agir em defesa desse patrimônio e o que eles poderiam fazer. Um dos relatos dignos de nota foi de uma professora, que revelou que quando criança via muitas pessoas virem de longe para comprar as “coisas” que seu pai (pescador) achava no meio das conchas. Lamentou muito sua família não ter conhecimento da importância e valor do sambaqui enquanto sítio e patrimônio.

No segundo dia do projeto, houve o prosseguimento da formação com o tema educação patrimonial. Posteriormente foi realizada uma breve conceituação sobre o termo educação patrimonial. Foi abordado o cuidado acerca da utilização do termo educação patrimonial com foco em uma educação dialógica e problematizadora, a importância do conceito de complexidade para a compreensão do objeto cultural em suas múltiplas facetas e relações e a mediação por intermédio dessa cultura simbólica e sua contribuição para a construção do conhecimento. Foi discutido que a educação patrimonial não se restringe apenas ao material e a sua utilização fortalece a memória, a identidade local e seus laços afetivos, como também a cidadania, uma vez que são as pessoas que, por meio de uma ação coletiva, elegem seus símbolos representativos.

Ao fim desse momento, alguns professores propuseram intervenções. Um professor indagou sobre quanto tempo é necessário para “algo” se tornar um patrimônio e que há uma região próxima, chamada de Guarulhos, a qual possui algumas construções relativamente antigas e se elas poderiam ser consideradas patrimônio. Dois professores também indagaram sobre a ausência de material educativo para trabalhar educação patrimonial e sambaquis. Uma das observações feitas foi que, ao citar o patrimônio histórico e cultural local, discutem sobre a Igreja das Neves e o manguezal, mas são omitidas informações sobre os sambaquis.





Uma situação digna de nota nesse último dia aconteceu no intervalo. Uma professora que havia chegado atrasada nos mostrou uma sacola preta cujo conteúdo era um amontoado de conchas e terra. Ela estava interessada em saber se aquilo seria um sambaqui, pois próximo à casa dela havia muito daquele “material”.

Da perspectiva da Alfabetização Científica, intencionamos verificar – a partir da análise dos dados produzidos, se os sujeitos conseguiram alcançar uma compreensão básica dos termos abordados na formação, referentes ao conhecimento sobre história pré-colonial, como também os conceitos científicos fundamentais sobre os sambaquis. Momento importante, pois, vez que os sambaquis fazem parte do dia-a-dia da comunidade, o conhecimento científico básico sobre tais monumentos é imprescindível construir propostas metodológicas de ensino que contenham os problemas, os assuntos e os valores culturais da comunidade com que estamos relacionando torna o ambiente de aprendizagem criativo e construtivo.

No caso desta pesquisa, nem todos os participantes do projeto de extensão tinham experienciado uma formação continuada como a que aqui apresentamos. No decorrer do desenvolvimento do projeto de extensão, os sujeitos demonstraram maior interesse e participação à medida que os temas abordados iam sendo direcionados ao local onde viviam. Havia uma expectativa muito grande por parte de alguns em descobrir o que seriam os tais sambaquis. Enquanto era dito se tratar de um sítio arqueológico que remontava aos primeiros ocupantes daquela região há pelo menos 2 mil anos AP, a curiosidade crescia. Ao ser mostrado a primeira imagem de um sambaqui e sua caracterização para abordar o assunto, o que se pôde perceber foi uma pequena decepção, inclusive um professor disse “Isso é um sambaqui?”. Tal surpresa pode ter sido favorecida pelo baixo conhecimento sobre o que é um sítio arqueológico, permanecendo aquela visão de sítios arqueológicos como encontrados em grutas ou cavernas (relativos ao período pré-colonial).

Superado esse momento, foram surgindo memórias várias sobre os sambaquis. A compreensão de muitos que desde sua infância já haviam estado em contato com o





sambaqui, sendo que alguns até conviveram com sítios de tal tipo, passou a dominar que aquele concheiro não era somente um concheiro, um resultado de um processo natural.

Um dos eixos de análise foi o da “Compreensão do Problema”, onde verificamos haver conhecimento prévio sobre o assunto abordado, existindo, muitas vezes, por parte de alguns, uma relação bastante próxima com um sambaqui que deixou marcas na memória. O relato do professor que se recorda do pai trazendo os objetos achados nos mounds para casa, e o relato da professora que disse ser o pai um caminhoneiro que retirava areia de um sambaqui, servem como indicadores. Ela e o pai não possuíam conhecimento de que aquele local era um patrimônio cultural, um sítio arqueológico. Dúvidas podem surgir do tipo, será que a empresa para o qual ele trabalhava não tinha ciência dos sambaquis? Não teria a falta de conhecimento científico prejudicado essa comunidade em relação ao seu patrimônio? E pior, com eles próprios agindo para a degradação desse bem?

O problema foi comprovado quando demonstraram pesar ao reconhecer que lidaram grande parte da vida até então com um patrimônio cultural de grande valor científico sem compreensão de sua importância, além de terem presenciado inúmeras depredações desse patrimônio. Neste momento emergiu, por parte de algumas pessoas, uma mágoa em nada ter feito para impedir. Um professor até comentou um dos possíveis fins do material retirado daqueles mounds: pavimentar estradas. Obviamente que à época em que ocorreu essa situação essas pessoas não sabiam o que seria realmente aquele concheiro, mas construir estradas não é um sinal de crescimento, do progresso? As justificativas apresentadas por parte daqueles que não conheciam os sambaquis para as ações predatórias foi a falta de conhecimento sobre o problema. Um professor, inclusive, relatou que nunca havia ouvido falar em sambaquis.

Considerações Finais

Em um contexto de globalização, onde uma massificação cultural é propagada, culturas locais precisam resistir para não serem sufocadas. O patrimônio cultural emerge como uma possível forma de resistência, preservação e valorização de uma memória local. O patrimônio cultural é uma escolha, uma eleição e agir na esfera pública é um ato de





cidadania. A Educação Patrimonial fortalece a cidadania na medida em que atua sobre o bem cultural com vistas a destacar sua importância e conseqüentemente protegê-lo e valorizá-lo enquanto parte integrante da memória de uma comunidade.

O que verificamos, após a análise dos dados produzidos no projeto de extensão, foi a existência de um laço afetivo em grande parte dos professores para com os sambaquis. Havia um lugar na memória dessas pessoas para os sambaquis, que aflorou por meio de recordações que emergiram no decorrer do projeto de extensão. Após abordar os mesmos dados sob a perspectiva da alfabetização científica, foi possível perceber que o contato com esse bem cultural, desde a mais tenra idade no caso de alguns, quando dissociado de seu conhecimento científico, não foi suficiente para o reconhecimento de seu valor cultural. E o não reconhecimento do valor cultural desse bem possibilitou, entre outros, que ele fosse sistematicamente destruído com o passar dos anos naquela localidade. A expressão “descobrimos sambaquis” que trazemos no título dessa pesquisa faz alusão a esse processo de descobrimento por parte dos professores.

Referências

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Reflexões sobre a educação patrimonial e experiências de diversidade cultural no ensino de História. Educação Patrimonial: reflexões e práticas**, João Pessoa, n.2, 2012. p.56 – 67. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016

CAMPOS, Carlos Roberto Pires. **O sambaqui Campinho – Presidente Kennedy, ES: um estudo de caso a luz da arqueologia da paisagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

DAMIANI, M. F et al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos da Educação, Pelotas, n° 45, p. 57-67, 2013

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**, João Pessoa, n.2, 2012. p.56 – 67. Disponível em:





<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998

GASPAR, M.D. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelinar; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. 1º Ed. Brasília: Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf>.

Acesso em: 16 abr. 2016.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LORENZETTI, Leonir; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização Científica no contexto das séries iniciais. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.03, n. 01. 2001.

SANTOS, Camila Henrique. **Educação Patrimonial: uma ação institucional e educacional. Patrimônio: práticas e reflexões**, Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007, p. 147 - 172.

